

HISTORIA COMPLETA DO
CASAMENTO E
MORTALHA



NO CE' O SE TALHA

Preço

1\$500

Catal. 643

ADRIANO S. SERRAVALLO

DEPOSITO A...

Antunes

HISTORIA COMPLETA DO

CASAMENTO

MORTALHA



NO CÉO SE TALHA



ANTUNES & CIA., LTDA.
Livros e Editores

Antunes

O CASAMENTO E A
MORTALHA NO
CÉO SE TALHA

NO Estado de Goyaz
na cidade de Pontal
Havia um homem rico
Chamado Afonso Durval
Ainda sendo parente
Da familia Imperial.

O grande Afonso Durval
Era rico em desmazia
Dinheiro em seu palacete
Em todo canto havia
De moedas esterlinas
Ele se aborrecia.

De gado e animaes
De fazendas tinha mil
Possuia de terrenos
Terça parte do Brasil
E desmedida fortuna
Pelo lado mercantil.

Fabrica de escravatura
Ninguem teve como a sua
Basta dizer que a sanzala
Tinha 3 mil metros de rua,
Nasceram 2 mil moleques
N'uma só noite de lua.

De fazenda de café
Era grande fazendeiro
Do café que esportava
Para o mercado estrangeiro
Era capaz de trazer
Dos Gringos todo dinheiro.

Não se pode descrever
A fortuna de Durval
Nem Creso, nem Salomão
Tiveram fortuna igual
Em todos Bancos do mundo
Ele tinha capital.

Era esposa de Durval
A grande Maria Rosa
Senhora de altas virtudes
Moça, distinta e formosa
Porque não tinha uma filha
Vivia triste e chorosa

A nobre Maria Rosa
Dona de tanta riqueza
Seu esposo era um Barão
Ela também baroneza
Porque não tinha uma filha
Cobria-se de tristeza.

Fazia 14 anos
Que o Durval era casado
Suspirava que a mulher
Desse o fruto desejado
Promessas e mais promessas
E tudo sem resultado.

Durval e Maria Rosa
Porque não tinha herdeiros
Faziam prantos enormes
Choravam dias inteiros
Criavam filhos alheios
Por não terem verdadeiros

Reinava grande desgosto
Naqueles 2 corações
Durval tinha um primo pobre
Chamado Pedro Simões
Que havia de ser herdeiro
De todas as suas ações

Vendo-se Pedro Simões
Com seu direito legal
Fazia grandes dividas
Por toda parte em geral
Para pagar quando herdasse
A fortuna de Durval

Residia um alfaiate
Naquele mesmo local
Conhecido na ribeira
Por Chico do Amaral
Que tinha como recurso
A tesoura e o dedal.

O mais pequenos dos filhos
De Chico do Amaral
Foi levado a santa pia
Por mãos de Afonso Durval
E dona Maria Rosa
N'uma noite de Natal.

Fora nascida a creança
Dia de S. Guilhermino
Acharam que fosse justo
Deram esse nome ao menino
Para que nada fugisse
Do livro do seu destino

Guilhermino ao nascer
Perdera o olho direito
O vão da caixa do olho
Enchu-se e não houve jeito
Sendo um menino bonito
Porem, coitado! Imperfeito.

D'onde dormia o Guilé
Por um descuido assim creio
Quebrou-se a corda de rede
Pobre Guilé! No paleio
No cair, a perna esquerda
Partiu-se de meio a meio.

Depois de cortada a perna
O Guilé causava dô
Alem de só ter um olho
Coitado! Uma perna sô
Ainda devido a queda
No pescouço um grande nó.

Ou dormindo ou acordado
Onde se visse o menino
Via-se preso uma fita
Na testa de Guilhermino
Mas, ninguém suspeitava
Ser um Misterio Divino.

A razão deste Misterio
Nunca ninguém perguntou
Aquela fita na testa
O Guilé nunca deixou
Graças a sua mamãe
Que muito se desvelou.

No dia que fez um ano
Que Guilé tinha nascido
Mandou-lhe sua madrinha
Um camisolo comprido
Sendo aquela a vez primeira
Que viu-se Guilé vestido.

Na camisa de Guilé
Não se viu um bolço que tinha
Nesta uma carta mimosa
Letra de sua madrinha
O nome de Guilhermino
Escrito á primeira linha

O nome de dona Joana
E Chico do Amaral
Maria Rosa, a madrina
Padrinho, Afonso Durval
O Estado de Goyaz
A Cidade de Pontal.

Contente estava o Guilé
Dentro de seu camisão
Com sua fita na testa
Deitadô no seu colchão
Aguardando a panelinha
Que fervia no fugão.

Disse Durval certo dia
Dinheiro não vae nem vem
Já que Deus me deu fortuna
Que nunca deu a ninguém
Achava bom que me desse
Uma filhinha também

Pois se tivesse uma filha
Com um príncipe casaria
A minha grande fortuna
A ela lhe pertencia
Mas, como assim não sucede
Jamais terei alegria.

E logo quando dormindo
Em sonho viu uma visão
Descendo um anjo do céu
Trazendo um livro na mão
Dizendo: mandou-me Deus
Dar-te uma revelação

De ordem do grande Deus
Venho da corte divina
Dizer-te que tua esposa
Dará luz de uma menina
Que na pia lhe darás
O nome de Salvelina

Será esta tua filha
Moça muita virtuosa
Será o puro retrato
De dona Maria Rosa
Talvez em todo Brasil
Não exista mais formosa.

Na idade de 20 anos
Terá de casar-se ela
Com Guilhermino Amaral
Que será o esposo dela
Teu afilhado teu genro
Juro pela luz da vela

Teu afilhado Guilé
Na testa tem um letreiro
Que diz que será teu genro
E portanto o teu herdeiro
Não posso mais demorar-me
Sou celeste mensageiro

Nessa ação foi se acordando
O grande Afonso Durval
Que deu uma gargalhada
Que ouvisse em Pontal
Dizendo: venha a menina
O resto eu tenho ideal.

Quando a aurora trouxe o dia
O Durval sem mais empate
Bateu a porta do rancho
Dizendo seu compadre alfaiat'
Dizendo ir fazer um terno
De roupa, cor de escarlata.

Sendo aquela a vez primeira
Que quiz ver seu afilhado
De lá do centro do rancho
Trouxeram-lhe o aleijado
Que vendo a fita e o letreiro
Não se se fez admirado

Assim dizia o letreiro:
Guilhermino do Amaral
Esposo de Salvelina
Genro de Afonso Durval
Depois do letreiro lido
Não se viu mais, nem sinal

Voltando Durval á casa
Pensando n'aquela sina
Aguardando o nascimento
Da mimosa Salvelina
Pensando em matar Guilé
Sem que ficasse ruina.

Nessa ação Maria Rosa
Do caso pode saber
Dizendo que neste mundo
Jamais ouvia dizer
Que sogro matasse o genro
Antes da mulher nascer.

Maria Rosa contraria
Ao plano de seu marido
Dizendo ser-se afilhado
É chamar-se protegido
Conspirar-se contra Deus
Será um tempo perdido.

Durval chamou seu escravo
De inteira confiança
Ordenou-lhe que roubasse
Dos paes aquela creança
E sepultasse no bosque
Que não ficasse lembrança.

E logo no outro dia
O Guilé desapareceu
Durval iludindo o povo
Algumas viagens deu
Procurando o afilhado
Dizendo: o tigre o comeu

O escravo encarregado
Da sanguinaria missão
Fôra um crioulo valente
Chamado Manoel Gibão
Que levou Guilé ao bosque
Dentro de um pobre caixão

Do bosque voltou o escravo
Revelando ao seu patrão
Que tinha com todo o gosto
Cumprido a sua missão
Sem ficar menor suspeita
No povo do quarteirão

Nessa razão disse Durval
Nada mais tenho a fazer
Já disfiz o que Deus fez
É preciso ele saber
Que dinheiro neste mundo
Faz o homem ter poder

No nome de Guilhermino
Nunca mais ninguém falou
E aparecer o Guilé
Foi um dia que passou...
Mais ainda desta vez
A onça não o tragou.

No dia 12 de Maio
Às 9 horas do dia
A cidade de Pontal
Desmanchou-se em alegria
De fogos cobriu-se o ar
E a musica retenia

Lá no Chalèt de Durval
Nasceu a bela menina
O incenso recendeu
Por toda vasta campina
De certo foi um delirio
Quando nasceu Salvelina

No dia 15 de Agosto
O Bispo José Maria
Junto com a mãe de Cristo
Levaram a creança a pia
No ato 14 padres
Alem do da freguezia

O luxo de Salvelina
Que ajuize o leitor
A menina de formosa
Tinha um brilho encantador
Pois que deu-lhe a providencia
A beleza de uma flor

Os jornaes todos bradaram
Quando nasceu Salvelina
No mundo seu retratinho
Via-se em toda vitrina
Causando admiração
Tão delicada menina

O povo da Inglaterra
Cada qual tinha um retrato
Da menina Salvelina
Que fosse caro ou barato
Pois que de certo na sala
Era verdadeiro ornato

O pobre Pedro Simões
Sendo o herdeiro suposto
Da fortuna de Durval
Já não sentindo o encosto
Tão grande foi seu pezar
Que faleceu de desgosto

Vinte anos incompletos
Tinha a jovem Salvelina
Quando os Jornaes de Paris
De Londres, de Palestina,
Disseram vir o Brasil
Um Inglez de classe fina

Um inglez, um grande heroe!
Todas as linguas falava
Era um assombro em riqueza
Que ninguem o confrontava
Sendo muito apreciado
Em Londres onde morava,

Esse potentado moço
Veio n'um vaso estrangeiro
Trazendo como bagagem
Vinte fardo de dinheiro
Vindo explorá uma mina
No terreno Brasileiro.

Desembarcou em Sergipe
D'onde marcava o roteiro
Seguiu por terra o poente
N'um bom cavalo mineiro
Numerosa comitiva
Ao lado do estrangeiro

Nas cidades que passava
Atravessando o sertão
Aqui ali acolá
Ruidosa recepção
Cada pobre que encontrava
Dava mais de um patacão,

Na chegada deste moço
Na cidade de Pantal
Alem da recepção
Uma festa sem igual
Tudo isto pelas ordens
Do grande Afonso Durval

Meninos e anciões
Tudo de noxa butina
Mulheres velhas e moças
Vestidas em sedas finas
Fileiras de senhoritas
Guiadas por Salvelina.

Foi ouvi-se o discurso
Do talentoso estrangeiro
Falando todas as linguas
Que existe na mundo inteiro
Terminou que tinha a gloria
De tambem ser brasileiro.

O povo todo assanhado
Nesta festa todo cheiro
N'um dos chalet de Durval
Hospedou-se o estrangeiro
Uma vez que em Pantal
Era o ponto do roteiro,

Cumprimentando as mulheres
Como a sciencia destina
Chegando a vez de tocar
Nos dedos de Salvelina
Ficou morrendo de amores
Por tão destinta menina.

Mas por sua educação
De merecido valor
Ocultou dentro de si
Aquele rasgo de amor
Pensando que Salvelina
Não sentisse a mesma dor,

Meia noite mais ou menos
Quando encerrou se o festin
Salvelina no seu quarto
Dava suspiros sem fim
Temendo que aquele orvalho
Cahisse em outro jardim

Durval dizendo a mulher
Esposa meu sol da vida
Que geito daremos nós
Para a conquista subida
De casar com o estrangeiro
A nossa filha querida.

Tenho visto muitos moços
Algum de alta mercê
Mas somente este estrangeiro
Deu cá em minha tetê
Respondeu Maria Rosa
Esta cousa tem um quê.

Continuando Durval
Não deixarei esta trilha
Afim de pegar a ave
No laço da armadilha
Vou saber se o estrangeiro
Quer casar com minha filha.

Durval outr'ora orgulhoso
Partiu de casa ligeiro
Para o chalet onde estava
Hospedado o estrangeiro
Afim de desempenhar
O papel de alcoviteiro

Aquele nobre estrangeiro
Deu-lhe resposta de sim
Dizendo para Durval
Este plano estava em mim
Sendo do gosto de todos
Vamos tratar do festim.

De avisar a Salvelina
Foi Durval o portador
Esta dizendo a seu pae
Estou as ordens do senhor
Pois que por este estrangeiro
Estou louquinha de amor.

Proclamas do casamento
Somente um ano se deu
Guilhermino do Amaral
E Salvelina de Abreu
Muita gente se lembrou
De alguém que a onça comeu

Porem é que nesse mundo
Existe muitas Marias
Fez-se a corte ao estrangeiro
Que não se fez ao Missias
Sendo feito o casamento
Pelo Conego Tobias.

Achava-se no festim
Numeroso pessoal
Obedecendo o convite
Do grande Afonso Durval
Ficou repleto de povo
A cidade de Pontal.

As ruas enfestonadas
Fogos cruzavam no ar
Bebidas e iguarias
Comia-se ao paladar
Muitos salões destinados
A quem quizesse dançar

Durval no fim da mesada
Perguntou ao estrangeiro
Qual a terra que nasceu
Qual seu nome por inteiro
Respondeu-lhe minha vida
Dará um romance faceiro.

Confesso que nunca vi
Nem meu pae, nem padrinho
Fui encontrado nas aguas
Metido num caixãozinho
Fui salvo por um inglez
Que dispensou-me carinho.

Dizem que na tona d'agua
Nadava meu caixãozinho
O dedo da Providencia
Deu-me seguro caminho
Não sei quem foi que levou-me
A tão cruel desalinho.

No caixão na tona d'agua
Alguem ouviu-me falando
Pois contra a minha vontade
A Patria ia deixando
Por um toque Divinal
Eu ia cantarolando.

Jamais hei de perdoar
Semelhante tirania
Quando mareou minha idade
1 ano 1 mez e 1 dia
Inda sendo minha mãe
Eu não lhe perdoaria

Enquanto o meu caixãozinho
Singrava as aguas do rio
Nele eu cantava saudoso
Vezes chorando com frio
É quando sou avistado
Pelo chefe do navio.

Dentro de um pequeno bote
Veio a mim um cidadão
Que conduziu-me ao vapor
Inda dentro do caixão
Momentos depois me vi
Andando de mão em mão.

Vinha no grande vapor
O mais rico dos Inglezes
Dez vezes milionario
Capitalista dez vezes
Que ganhou 12 milhões
No percura de 2 mezes

Este primoroso Inglez
Chamado João Aladim
Logo que saí das aguas
Tomou cuidado de mim
Criou-me como seu filho
Nunca vi bondade assim

Eu trajava um camisolo
Que o Inglez mandou guardar
N'um bolsinho da camisa
Uma carta singular
A carta fala em pessoas
Que mora neste lugar.

Meu pae o nobre Aladim
Viajou no estrangeiro
Afim de comprar brilhante
No territorio Brasileiro
Graças a Deus e a ele
Tenho sciencia e dinheiro.

Ensinau-me a ser feliz
Toda a sciencia me deu
Como não tivesse filhos
O filho dele sou eu
Tudo deu-me em testamento
No momento que morreu.

Alem da grande saudade
De minha patria Natal
Um dia achei em roteiro
Perdido no areial
Dizendo ter um tezouro
Na cidade de Pontal.

Com a morte do meu pae
Aquele meu sol de ouro
Venho destraindo a vida
Procurando este tezouro
Felismente Já me deram
Uma florsinha de ouro.

Eu tenho um olho perdido
Aquele Inglez importante
Brindou-me diversos olhos
De pedra fina e brilhante
Somente por este lado
Tive um dote interessante

Tinha uma perna perdida
Se não tenho a verdadeira
Tenho outra de alto preço
Tão bela quanto a primeira
Assim mesmo todo troncho
Tirei rosas da roseira

Salvelina o que pedir-me
Tudo, tudo lhe darei
Ainda que fosse preciso
Perdoar a quem não sei:
A mulher obriga o homem
Pisar por cima da lei.

Senhores, peço licença
Para mostrar a cartinha
Junto a pequena camisa
Que tem o nome de minha
Relequia que não as dou
Por um colar de rainha

Eis a camisa e a carta
Passamos o ato a serio
Exijo que me respondam
Os dados deste misterio
Quem tiver dentro da culpa
Que procure o refrigerio.

Eis aí, nobre senhores
O que nos diz a cartinha
O nome de Guilhermino
Escrito a primeira linha
Padrinho Afonso Durval
Maria Rosa a madrinha

O nome de dona Joana
E de Chico do Amaral
Maria Rosa a Madrinha
Padrinho, Afonso Durval
O Estado de Goyaz
A cidade de Pontal.

Ao penetrar na campina
Por um Misterio Divino
O menino no caixão
Cantou um saudoso hino
Causou-me admiração
Pela idade do menino

Lá nas fronteiras do bosque
Desci do hombro o caixão
Com o ferro que levava
Cavei na terra um purão
O Guilé sempre cantando
Comoveu-me o coração.

Desprezei o meu trabalho
O caixão eu carregando
O menino dentro dele
Cantando, sempre cantando
Calculei em sepulta-lo
Na vez que eu ouvisse chorando.

Lá longe, ao pé da serra
Botei abaixo o caixão
Cavei um buraco enorme
Na terra fiz salão
Para plantar o Guilé
Dentro daquela prisão

Ouvindo o Guilé cantando
Comoveu-me o coração
Desejei ver o Guilé
Vi-o apontar com a mão
Para a perna e para o olho
Pedindo-me compaixão

Nisto a noiva Salvelina
Pedi licença e falou
Dizendo: narre-se a historia
Que minha palavra dou
Que tudo quanto se deu
Foi um dia que passou

Confiante na palavra
Que meu esposo jureu
Palavra que ao meu ver
Em bronze se transformou
Quem souber que conte o drama
Desde de quando começou

Sorrindo disse Guilé
Tudo tornara-se em gloria
Porem desejo saber
da metade desta historia
Para tomar nota
No meu livro de memoria

Se a mãe de minha mulher
Afirma ser a cartinha
Letra de seu proprio punho
E diz ser minha madrinha
Bem vê que aqui há um drama
Conte-me linha por linha

Em defeza de meu sogro
Estarei a promtidão
Pisarão em meu cadaver
Antes de lhe por a mão
Quem quer q' lançou-me ao rio
Receberá meu perdão.

Disse Durval meus senhores
O criminoso sou eu
É justiça confessar
O caso que aconteceu
Só hoje é que reconheço
Que fiz peor que um judeu.

Suspirava ter a gloria
Do tezouro da familia
De minha esposa querida
Desejava ter uma filha
Com o fim de desposa-la
Com um Principe de Cecilha

Em sonho eu vi um anjo
Vindo da côrte Divina
Que profetizou, dizendo
Nascerá uma menina
Que na pia lhe darás
O nome de Salvelina.

Com idade de 20 anos
Se casará a menina
Com Guilhermino Amaral
Conforme o livro da sina
Este tendo sobre a testa
As letras da mão Divina.

Guilhermino alem de pobre
Tambem alejado e cêgo
Concebi um plano louco
Cortar a sina não nego
Mandei sepulta-lo vivo
Monstro o crime que carrego

Foi portador da empreza
O escravo Manoel Gibão
Que disse-me ter cumprido
A sanguinaria missão
Nada digo sobre o rio
Muito menos do caixão.

Alem do crime horroroso
Fiz outro de igual mensão
Dizendo que contra Deus
Tinha vencido a questão
Hoje é que venho voltando
Pela estrada do perdão.

É muito certo o ditado
Da crença que já não falha
Que são decretos do Céu
Casamento e mortalha
Que quem pensar ao contrario
Corta-se-á na navalha,

Palavras não eram ditas
Ouvia-se Manoel Gibão
Pedindo consentimento
Para narrar a questão
Eu fui que desde menino
Fiz o papel de ladrão.

Depois que roubei Guilê
Coloquei-o num caixão
Para que ninguem soubesse
Dos planos de meu patrão
É certo que não cumpri
A verdadeira missão

Ergueu-se Afonso Durval
Ferido do desalinho
Tirou da cinta um punhal
Dizendo: fui um mesquinho
Meu genro, crave este ferro
No peito de seu padrinho.

Eu Afonso Durval
O mesmo que certo dia
Ao lado de minha esposa
O levamos o santa Pia
Depois sendo seu padrinho
Comsigo, fiz tirania.

Tão ingrato quanto eu
Não existe no conceito
Portanto este punhal
Com ele crava-me o peito
Veja que razão lhe sobra
Reconheço o seu direito.

Nessa ação Maria Rosa
Interveu-se na questão
Dizendo: conte-se a historia
Porem punhal? isto não
É que Deus quíz nos mostrar
O poder de sua mão.

Negar, não devo negar
A letra da carta è minha
De Guilé, além de sogra
Tambem sou sua madrinha
Todos nós somos patricios
Filhos da mesma terrinha.

De novo tornei tampar
O referido caixão
Abandonei o trabalho
Segui noutra direção
Sem saber o que fizesse
Das ordens do meu patrão

Adiante, já muito longe
O Guilé por sua vez
Cantava, e de outros meninos
Ouvi o canto de trez
Eu quasi que me assombrava
Do medo que isto me fez.

Eu sendo um negro malvado
Que remo contra a maré
Que para fazer bravura
Não pergunto ela quem é
Fiz tudo porem não pude
Assassinar o Guilé.

Eu sendo negro malvado
Do coração de leão
O mesmo que tantas vezes
De sangue molhei a mão
Fiz tudo porem não pude
Matar aquele cristão.

Eu sendo um negro malvado
Do coração de serpente
O mesmo que vezes tanta
Derramei sangue de gente
Fiz tudo, porem não pude
Matar aquele inocente.

Segui com meu caixãozinho
Cheguei a margem do rio
Que tem o nome faceiro
De «Ribeira do Gentio»
Joguei o caixão nas águas
Fazendo dele um navio.

Nesta vida ser-se escravo
É um inferno que não digo
Caso não cumprisse a ordem
Grande seria o castigo
Tive pena... mas não pude
Salvar o Guilé do perigo

As lágrimas de meus olhos
Via-se caírem no chão
O caixão na tona d'água
Descia com promptidão
Dentro dele Guilhermino
Cantando linda canção

Tão longe!... Lá muito longe!...
Inda ouvi a sua voz
Dizendo que foi na cruz
Que Cristo morreu por nós!...
Nada mais vi... rio abaixo
O caixão corria veloz!

Nessa ação viu-se o Guilé
Dizer a Manoel Gavião
Venha cá, dê-me um abraço
Amigo do coração
Só foi escravo até hoje
De hoje em diante é cidadão

Todos de sua familia
Terão hoje a mesma sorte
Deixarei de protege-la
Quando Deus mandar a morte
Em vez de escravo vai ser
O meu grande amigo forte

Ordena-me o coração
Não ser ingrato a ninguém
Foi serviço a mim prestado
É grande o valor que tem
Eu sou aquela creança
Que me fizeste o bem.

Guilé ao ter a noticia
De seus paes o paradeiro
Com sua esposa e comvives
Foi abraça-lo ligeiro
Dando-lhe alem de um chalét
Grande soma de dinheiro.

Seus paes ao verem Guilé
Saltaram para o terreiro
Abraços e mais abraços
Falou-se no letreiro
Falou-se no camisoló
Na onça do marmleiro

Todos irmãos de Guilé
Por esta grande ventura
Em vez de serem alfaiates
Passaram a fazer figuras
Feliz é quem Deus quer bem
É pura verdade pura.

Disse Guilé ao padrinho
Amavel todo risonho
O que passou-se entre nós
Passou, passou, qual um sonho
Estarei as vossas ordens
Com tudo quanto disponho.

Abraços e mais abraços
O povo se perdoando
Era dengoso se ouvir
O povo todo falando
Ao èco do violino
A memmada dançando

Quatorze dias depois
Cortou-se um belo coqueiro
Para cavar no terreno
O tesouro do roteiro
Achou-se em roêda da cobre
Uma pataca em dinheiro

O «Casamento e Mortalha»
Tem sua base divina
Alguem que por destinado
Fazer a sua ruina
Queixar-se sô poderá
Da sina de sua sina

De romance tem o nome
Quem diz assim não engana
Fiz-lo para oferecer-lo
A mulher Alagoana
Pedindo que me proteja
Que estou na Franciscana FIM

#74

Hiccasal

Sobrenatural

4
2
2
2

...
...
...
...
...
...

...
...
...
...
...
...

...
...
...
...
...
...

...
...
...
...
...
...

...
...
...
...
...
...

...